



O GRANDE TEMPLO DE MACAU.

Foi pelo meado do decimo sexto seculo que obtivemos do imperador da China licença para fundar um estabelecimento nas costas do imperio, ao sul de Cantão, n'um rochedo então arido e deserto, só conhecido dos pescadores das vizinhanças, que n'elle buscavam abrigo contra a tempestade, ou iam levar suas offerendas a uma deusa, patrona dos maritimos, em honra da qual se levantara ahi um pequeno santuario.

A este respeito diz uma velha lenda, de muito credito em todo o littoral da China, que em tempos bem remotos, cuja epoca porém se não assignala, chegara a Tokien, uma numerosa esquadra, e que estando a ponto de apparelhar para dar á vela, uma dama ricamente vestida, e de magestoso aspecto, apparecera n'um junco, e rogara á tripulação da esquadra que não largasse do porto, predizendo-lhe que a serenidade do ceo e a calma do mar não eram para

fiar, como os capitães julgavam, nem para tomar o largo, pois que prestes se levantaria uma furiosa tempestade.

A mór parte da esquadra, confiando na predicção, permaneceu no ancoradouro; só um junco se aventurou a deitar ao largo, mas a tempestade sobreveiu, e o vaso foi engolido na voragem com tudo que encerrava.

Passado o perigo, a dama da apparição convidou os marinheiros a desfaldarem as velas, offerecendo-se a acompanhal-os até onde se destinavam.

Foi feliz a viagem, e a esquadra chegou ao seu destino sem accidente; mas apenas se aproximou da terra, a mysteriosa dama saltou ligeiramente para cima d'um grupo de rochedos que jaziam perto da praia, e repentinamente desapareceu aos olhos de todos.

Era evidentemente uma deusa, e d'isto nin-

quem duvidou, e em reconhecimento á visível protecção que lhes concedera, os marinheiros da esquadra elevaram-lhe logo, no mesmo local da desaparição, um templo que se chamou *A-ma-ko*, que quer dizer *palacio da deusa A-ma*, nome que se lhe deu durante a viagem. De *Makao* fez-se *Makao*, ou *Macau*, porque na extremidade occidental d'esta semi-ilha foi que levantamos a bandeira.

Durante muitos seculos, este logar de reunião dos devotos navegantes nada apresentou de monumental; mas quando o desinvolvimento do commercio com os europeus attrahiu a Macau numerosa população china, os negociantes cotisaram-se, e, no fim do reinado de Kang-hi, fizeram levantar um magnifico pagode, cujo desenho apresentamos hoje.

O corpo principal d'este elegante santuario do paganismo levanta-se á beira mar, de que está separado por uma esplanada semi-circular, que se representa em a nossa segunda gravura, de trinta a quarenta metros de raio. Está orientado ao norte sobre o porto interior de Macau.

Sobe-se por uma escada de granito, cujas rampas estão ornadas com dois leões, e ahí collocados, segundo dizem os chins, para facilitar a evasão dos deuses fracos quando os outros deuses mais fortes os queiram expulsar. Um arco de triumpho de bello estylo chinez corre por de frente da porta de entrada.

Renunciamos a descrever o interior do templo, a estatua colossal do idolo de madeira dourada, as numerosas estatuasinhas dos deuses secundarios, e dos heroes, em madeira colorida, os vasos de perfumes, as bandeirolas, os tantans, as lanternas, e outras mil coisas que atulham o logar santo. Preferimos sair do pagode principal, e trepar por aquellas encantadoras alamedas que conduzem a uma immensidade de capellas pequeninas, altares, repousorios, e grutas mysteriosas, que se occultam por entre as sombras espessas das grandes arvores circulares, que de espaço a espaço se multiplicam pelo contacto com a terra dos seus ramos pendentes.

Nenhuma descripção pode reproduzir esta vista de fadas, nem dar idéa de quanto a imaginação fica ferida pelo aspecto d'estes pagodes solitarios e silenciosos, habilmente espalhados pelo que a natureza offerece simultaneamente de mais rustico e encantador.

O serviço religioso do pagode foi confiado a bonzos, que, graças ás liberalidades dos peregrinos, reuniram depressa um rico patrimonio sufficiente a sustentar numerosa communiidade. Porém ahí, como em toda a parte, o luxo trouxe o relaxamento dos costumes, e a vida d'aquelles bonzos tornou-se tão escandalosa, que a autoridade chim teve de intervir.

O serviço do pagode foi portanto retirado das mãos dos bouddhistas, e confiado aos religiosos *Tao-se*, discipulos de *Lao-tze*, que muitas vezes ao dia ahí cantam louvores á razão suprema, o que não obsta comtudo a que se prestem ás ce-

remonias do culto bouddhista, quando ha ricas offerendas a receber.

Os visitantes são geralmente bem recebidos pelo superior do pagode, que até os convida a tomarem alguns refrescos; mas esta politica acaba usualmente pela exhibição d'um registro, no qual se pede ao viajante que se inscreva para concorrer ás despesas da festa esplendida que annualmente tem logar na esplanada do templo.

Todos os pagodes, cujo rendimento é pouco consideravel, fazem, pelo menos uma vez por anno, uma festa meia religiosa meia profana, cuja parte mais attrahente para os fieis consiste na representação theatral, que dura muitos dias consecutivos.

Em Macau, os *Tao-se* dão a esta festa extraordinario brilhantismo. Levanta-se na esplanada do seu elegante pagode um theatro provisorio de bambus, mas de extraordinaria solidez. Com grandes despesas se chamam comediantes do interior, para representarem as melhores peças do repertorio chinez; tambem se chamam os mais bellos musicos da provincia para formarem uma orchestra a seu modo; e o publico, sem pagar coisa alguma, pode gosar de dia e de noite o espectáculo, porque se representa tres ou quatro dias consecutivos, tendo os actores só o indispensavel repouso para não cairem em scena de fadiga.

ORIGEM DOS BRASÕES, E BRASÃO D'ARMAS DA CIDADE DE LISBOA.

A origem dos brasões d'armas data de tão remota antiguidade que, meio involvida em fabulas, quasi se perde na escuridão dos tempos. Entretanto é fora de duvida, que teve principio em uma necessidade, na qual mais tarde veio a explorar bastante em seu proveito a vaidade dos homens.

Não sera facil indicar qual foi o primeiro povo, que introduziu o uso dos exercitos levarem á guerra bandeiras com divisas. O que é certo porém é que em todos os antigos imperios eram usadas. Egypcios, assyrios, persas, e outros povos da antiguidade, levavam á guerra bandeiras com figuras de animaes, astros ou outros objectos n'ellas representados como signaes ou divisas, que, servindo para extremar amigos de inimigos, fizessem conhecer de longe aos soldados dispersos o corpo de exercito a que pertenciam.

No principio não havia, ao que parece, mais do que uma só bandeira em cada exercito. Depois o desinvolvimento da arte da guerra trouxe tambem a necessidade de estabelecer signaes distinctivos para os diversos corpos de que se compunha o exercito. N'estas bandeiras se punham por divisa especial do chefe da republica, empresas, motes, ou simplesmente lettras iniciaes, de que muito usaram os romanos. D'esta arte se passou da aguia, estandarte do povo ro-

mano; do porco, emblema dos phrygios; do urso, distinctivo dos godos; do gato, insignia dos alanos; do leão, divisa dos francos; do cavallo, symbolo dos saxonios, para os signaes de individuos como chefes.

Tambem dos campos de batalha passou este costume para as liças de torneios, onde cada um dos contendores procurava differenciar-se, não só pela variedade das côres, mas igualmente pela propriedade das empresas, motes, e divisas, que levavam debuxadas em seus escudos. Foram porém as cruzadas, essas expedições aventurosas, que encheram as chronicas da christandade de feitos cavalleirosos, repletos de religião e poesia; as cruzadas que, impellidas por um cego espirito religioso, despovoaram a Europa e assolaram a Asia, convertendo-se todavia em poderoso elemento de civilisação; foram as cruzadas, repetimos, que deram maior extensão áquella pratica, que não tardou a ser regularisada.

A necessidade de estabelecer signaes particulares com que se evitasse a confusão em exercitos compostos de tropas de tantas e tão diversas nações, e em geral tão faltas de disciplina, foi causa de se introduzir entre os chefes e os seus immediatos o uso de trazerem nos escudos as suas proprias divisas, como até ali era costume nos torneios. Depois, ou por ser necessario mais distinctivos, ou pelo simples desejo de ostentar distincções, fraqueza em todos os tempos inherente ao coração humano, começaram alguns cruzados a pôr também seus motes e divisas em torno das suas cotas d'armas.

Do que até aqui era uma medida de utilidade geral, originou-se um estimulo de ambição, querendo todos distinguirem-se igualmente por alguma letra ou emblema. Foi então accordado entre os chefes, que os cruzados seus subordinados usassem do escudo em branco, e que só lhes fosse permittido pôr n'elles letras ou figuras, quando se tivessem distinguido por algum feito d'armas. N'este caso era-lhes dado por brasão da façanha algum emblema ou legenda a ella allusivo.

Tal foi o começo dos brasões d'armas, que vinculando-se nas familias d'aquelles que os tinham adquirido, vieram depois a servir de documento de nobreza.

O uso dos brasões data pois do seculo XI; porém só no XIII é que principiaram a passar de paes a filhos como um titulo de fidalguia. E então não havia por certo coisa mais querida e invejada do que esses gloriosos brasões, que os cavalleiros ostentavam vaidosamente nos torneios e mais festas publicas, ora debuxados em suas bandeiras e escudos, ora esculpidos no punho da espada, ou bordados na sua cota d'armas.

As praticas guerreiras da Palestina generalisaram-se logo por toda a Europa. As proesas no campo de batalha serviram aqui, como acolá, de fundamento para muitos brasões d'armas, como já tinham servido em tempos anteriores de origem a muitos appellidos dados por titulo honorifico.

Quasi pelo mesmo tempo se estendeu as cidades e villas o uso dos brasões d'armas, embora alguma lenda lhes attribua mais remota origem, como vemos na de Coimbra. Conservaram o nome de brasões d'armas em razão de serem as empresas, ou divisas pintadas, ou esculpidas em escudos da feição dos que se usavam na guerra.

As povoações, porém, abriu-se mais vasto campo, onde se encontrava mais copia e variedade de emblemas, pois que o espirito religioso veio acrescentar muito o numero dos que podiam provir-lhes da coragem e dedicação de seus filhos.

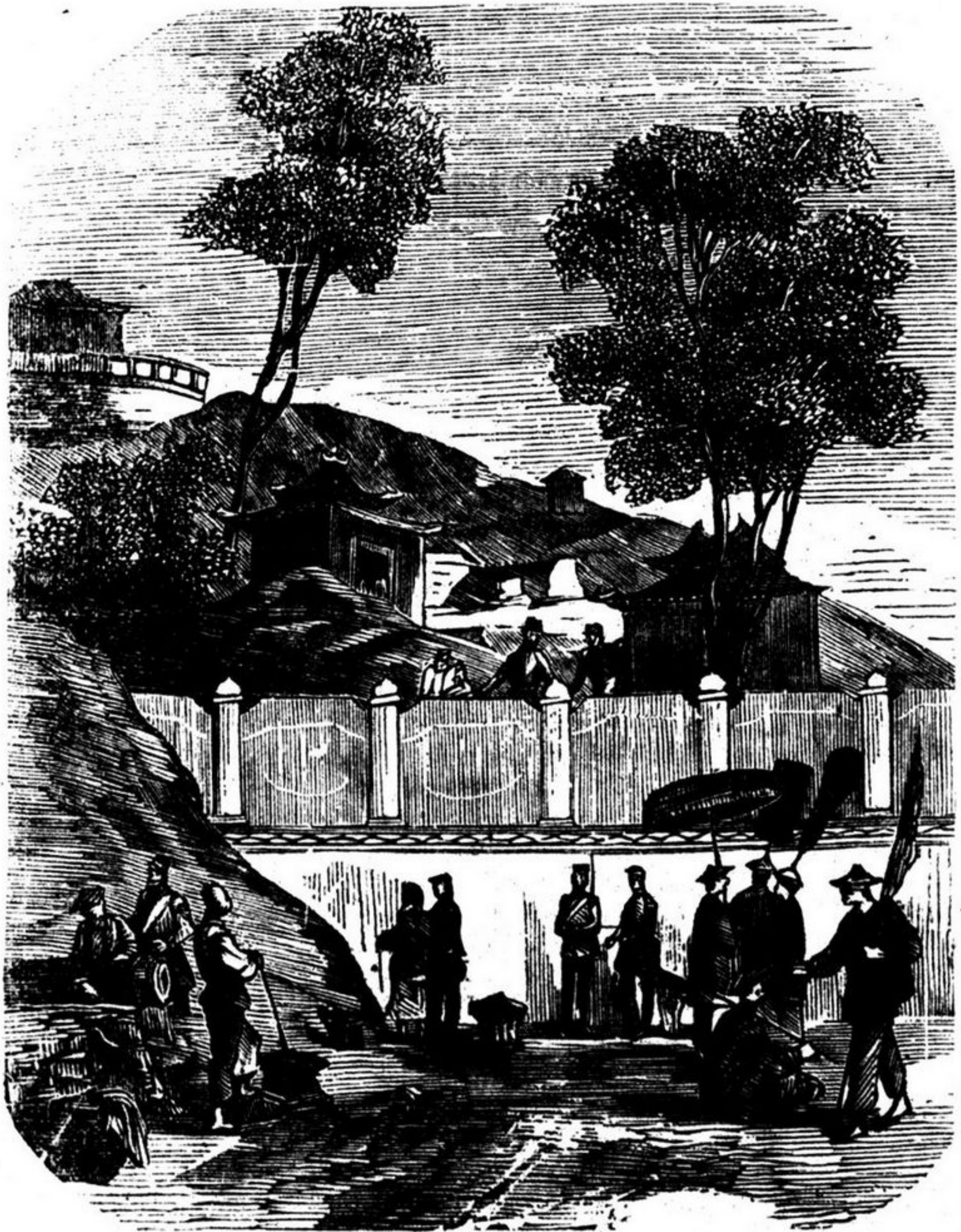
D'est'arte as armas das nossas cidades e villas são como um epithome das chronicas cavalleirosas de Portugal, onde o valor e o brio se illustravam por mil acções memoraveis entre as narrações piedosas de mil beneficios do ceo. Ou symbolo poetico de lendas religiosas, ou pittoresco padrão de romanticas historias, esses nobres brasões, hoje tão esquecidos e mudos, já foram bem lembrados e queridos, já fallaram a todos os sentimentos generosos d'alma, já fizeram pulsar dentro do peito muitos corações inflamados do amor de Deus e da patria.

Eram tempos bem singelos esses em que uma palavra, um unico nome, uma simples imagem, bastava muitas vezes para impellir o homem pelas sendas escabrosas da honra e da gloria, e com tal impeto, que nem o deixavam medir a grandeza dos estorvos, nem ver ou calcular a immensidade dos perigos. E era assim que muitos se viam heroes, mal sabendo como haviam chegado ao templo da immortalidade.

Agora porém, que esses tempos já lá vão tão longe, que os padrões, que nos legaram, ou emudeceram para nós, ou fallam linguagem que não entendemos, será bom que se trate de vez em quando de avivar essas memórias d'outra chronica de crenças tão vivas, retrato de costumes singelos, espelho de um viver todo para Deus e para a patria. Será bom avival-as para que a brilhante luz da civilisação actual, que parece querer corromper-nos o coração em troca de nos illustrar o espirito, e de nos augmentar as commodidades da vida, não possa apagar-lhes inteiramente as côres, as vivas côres que illuminaram sublimes acções de desinteresse, e virtudes civicas e christãs.

BRASÃO D'ARMAS DE LISBOA.

A tomada de Lisboa aos mouros foi uma das maiores façanhas do fundador da monarchia. N'essa empresa ousada praticaram os cavalleiros christãos singulares gentilezas d'armas, e extremados arrojos de valor. Todavia não foi esse campo de heroicas corôas civicas, e de gloriosas palmas de martyrio, que o inclito conquistador foi buscar emblemas para o brasão da sua nova cidade. A origem d'esse brasão encerra-se em uma lenda toda religiosa, e na qual se resume, pôr assim dizer, a historia da invasão e dominio dos arabes nas Hespanhas.



ESPLANADA DO TEMPLO DE MACAU.

Nos tempos em que a orgulhosa Roma dictava leis a todo o mundo, e em que partiam do seu seio, como as torrentes de lava de um vulcão, essas horríveis perseguições, que inundaram toda a terra de sangue de martyres, padeceu martyrio na cidade de Valencia o diacono S. Vicente. Corria então o anno de 303 da era christã; reinava em Roma o imperador Diocleciano, e em seu nome governava aquella cidade da Hespanha o cruel Daciano.

As qualidades pessoases do illustre martyr, os tormentos da sua morte, a heroica firmeza com que os padeceu, e os milagres que os fieis desde logo começaram a attribuir-lhe, fizeram o seu martyrio conhecido de toda a christandade, e o seu nome adorado em toda a peninsula. A devoção creceu com o tempo a tal ponto, que não havia em todo o martyrologio das Hespanhas memoria mais venerada, nem nome mais religiosamente respeitado.

A sepultura do santo estava fora dos muros da cidade, e foi um lugar de continuas romarias, logo que a tolerancia ou a conversão dos imperadores romanos deram aos christãos mais liberdade em seu culto.

Caiu o imperio romano e sobre as suas ruinas vieram assentar-se as diversas nações, a cujo impulso se derrocou. A Hespanha foi despojo repartido entre varias d'essas nações, vindas do norte da Europa. Medrou ahi o seu dominio á sombra da cruz, e os filhos de Hespanha poderam entregar-se tranquillamente ás suas praticas religiosas. Não durou porém muitos seculos a tranquillidade d'estes, nem a dominação d'aquelles.

Os godos, a principal das nações que senho-rearam a peninsula, percorreram depressa o espaço que separa o principio do fim dos imperios. Saidos da barbaria, d'entre os gelos do norte, começavam a florescer e a civilisar-se sob o in-

fluxo creador d'este nosso benigno ceo quando o seu imperio se alluiu aos duros golpes do alfange sarraceno (anno 711 de Christo).

Não vem para o nosso proposito narrar como os arabes transpuzeram o Mediterraneo, chamados pela vingança traidora e patricida do conde Julião: nem como o infeliz D. Rodrigo pagou a injuria e o crime sepultando nos campos do Xerez, junto ás margens do Guadalete, a corôa dos reis godos, a honra das armas christãs, a independencia da sua patria, e a religião dos seus maiores.

Bastará que recordemos os vexames que pesaram sobre toda a peninsula desde o momento em que o crescente se hasteou triumphante no seu misero solo. O incendio devorando povoações inteiras; o alfange decepando indistinctamente as fronte altivas, que ousavam disputar-lhe o passo, e as humildes cabeças que se curvavam ante o vencedor; o furor do islamismo profanando os templos, derrubando os altares, fazendo pedaços as imagens sagradas; taes foram as scenas, que se representaram nas Hespanhas na tremenda invasão dos arabes. E assim conseguiram estes, que o terror, caminhando na vanguarda dos seus exercitos, lhes franqueasse as portas de muitas cidades e praças de guerra, cujos moradores, fugindo á escravidão ou á morte, lá foram constituir nas escabrosas penedias das Asturias esse nucleo glorioso, que serviu de berço aos reinos de Leão e de Castella.

Foi durante esses transes afflictivos, em que os christãos demandavam asylo ás brenhas, não só para salvação da vida, mas tambem para segurança das imagens sagradas, e das santas reliquias, que os sarracenos queimavam apenas as descobriam, que alguns habitantes de Valencia, vendo a onda assoladora quasi a bater-lhe nos muros da cidade, tiraram furtivamente do sepulchro o corpo do seu santo predilecto, do martyr S. Vicente, e com elle fugiram para as montanhas visinhas. Depois, escondendo-se de dia nas cavernas, e errando de noite de serra em serra, só pararam quando a vastidão dos mares lhes mostrou serem chegados aos confins da terra. Achavam-se n'um promontorio inhospito, que a natureza fizera castello, e que os homens deixaram ermo pelas asperezas do logar. Chamava-se então o *promontorio dos Corvos*, pelos muitos que ali havia; e mais tarde, tomando o nome do santo que em si guardou, se denominou — *Cabo de S. Vicente*.

Ahi viveram muitos annos os fugitivos christãos, e apoz elles seus filhos, ao principio em liberdade, despercebidos dos moiros, e depois como musarabes, isto é, submettidos ao seu dominio, mas velando sempre pelo precioso cofre, que para mais segurança tinham enterrado.

Durante este longo periodo haviam-se operado na peninsula importantes successos. Os refugiados das Asturias tinham medrado e crescido pela coragem do seu peito, e pelo valor do seu braço. Das montanhas, que procuraram para gua-

rida, depressa desceram aos valles para alargar o seu dominio. Capitaneados pelo intrepido principe D. Pelayo, vergontea da arvore dos reis godos, em breve traçaram com a espada, atravez das phalanges sarracenas, as fronteiras do reino das Asturias. Os seus valentes successores, dilatando-as sempre, fundaram os reinos de Oviedo, de Leão, e de Castella. E finalmente na parte mais occidental da peninsula creara-se, em favor de D. Henrique de Borgonha, o condado de Portugal, que seu filho, o grande Affonso Henriques, estendera e transformara em reino.

E assim estamos chegados á epoca em que o illustre fundador da monarchia portugueza, coberto já dos loiros de innumeradas victorias, ia caminho do Algarve á frente de luzido exercito. Não levava na mente a conquista de castellos ou cidades. Esta expedição era toda religiosa. O aparato de guerra, que a cercava, era indispensavel, pois que o seu alvo achava-se em terras de moiros.

Vozes ao principio vagas, mas que ao diante tomaram corpo de tradição geral e incontrovertida, diziam que no promontorio dos Corvos existia occulto aos infieis o corpo do martyr S. Vicente. E o rei D. Affonso, tendo visto baldadas no decurso de annos as diligencias dos emissarios que enviara á descoberta do ambicionado thesouro, ia enfim tentar de novo a empresa por seu proprio esforço e cuidado.

Não tratou o rei do Algarve de embargar a marcha ao exercito christão. Recolhido na sua cidade de Silves, só cuidou de se aperceber para uma defesa obstinada, julgando ameaçada a sua capital. Por este modo o monarcha portuguez achou livre o transito, e livremente percorreu todas as quebradas e esconderijos do promontorio. Tudo porém foi em vão, pois que no fim de inuteis pesquisas voltou D. Affonso para o seu reino, sem ter encontrado vestigio algum do que buscava com tanto empenho. Todavia no regresso deixou e trouxe memoria de suas proezas, ainda que obradas em ligeiras escaramuças.

A expedição tinha sido mallograda; entretanto as esperanças não se haviam desvanecido, antes pelo contrario reviviam, sendo a propria mal succedida empresa quem lhe dava novo alento.

Trouxera o rei D. Affonso entre os despojos e captivos alguns christãos musarabes dos que habitavam no promontorio, e que, interrogados acerca do logar onde jazia o santo, nada tinham querido responder, sendo, ou fingindo-se, ignorantes no assumpto em que os inquiriam. Mas, passados annos, conquistada já Lisboa, e vindo dois d'elles para aqui residir, não só declararam que era verdade existir no dito promontorio o corpo de S. Vicente, mas diligenciaram por todos os modos persuadir e mover os da cidade a irem em busca das santas reliquias.

Resolveram-se enfim algumas pessoas a emprender a viagem, e lá partiram munidos pelos dois musarabes dos necessarios signaes e indicações.

No dia 15 de Setembro de 1173 entrava a barra do Tejo um navio, desataviado de insignias, que podessem chamar a attenção, e todavia trazia a carga mais importante que na cidade se pudera então desejar. Vinha n'elle o corpo de S. Vicente: mas os seus felizes conductores esforçavam-se por encobrir a alegria, que lhes trasbordava dos rostos, porque anteviam tumultos entre os alvoroços populares. Esperando pois que anoitecesse, penetraram no braço do Tejo, que se estendia pelo valle, onde agora vemos a cidade baixa, e foram lançar ferro junto da igreja de Santa Justa, fundada havia pouco por D. Gilberto, primeiro bispo de Lisboa. Favorecidos com a escuridão conseguiram transportar para este templo as santas reliquias sem serem presentidos.

No dia seguinte, divulgada a noticia, excedeu o alvoroço tudo quanto se podia imaginar. Correu toda a cidade para as portas do templo, ebrios uns de prazer, duvidosos outros de tamanha ventura. Houve então tumulto no povo, e grandes altercações entre as autoridades; pois que a igreja era pequena para conter a gente que pretendia ver e adorar o santo martyr, e eram muitos os pareceres sobre o local para onde deviam ser trasladadas aquellas reliquias. Uns queriam levá-las para o mosteiro de S. Vicente de Fora, pela razão de ser um templo já consagrado ao invicto martyr. Exigia o cabido da sé que fossem para a sua igreja; por ser a principal e mais autorisada como cathedral. Pretendia o parochio de Santa Justa, e com elle todos os seus freguezes, que ficassem onde estavam, attribuindo á vontade do santo a escolha do logar, aonde tinham vindo parar.

Achava-se n'aquella occasião ausente de Lisboa el-rei D. Affonso Henriques, e d'esta circumstancia se valeu judiciosamente D. Gonçalo Viegas, que governava a cidade, para apasiguar os animos, resolvendo-os a esperar pela decisão real. Porém assim que o cabido viu serenados os espiritos, taes traças empregou que, antes de constar a vontade do soberano, foi em procissão n'esse mesmo dia trasladar para a sé o santo martyr.

Apenas el-rei D. Affonso teve noticia de tão fausto acontecimento, partiu immediatamente para Lisboa; e assim que chegou foi á sé prostrar-se ante as venerandas reliquias, e certificar-se por seus proprios olhos da posse de um thesouro, que ambicionava desde que plantara a cruz de Christo sobre as torres moiriscas de Lisboa.

E nos transportes do seu contentamento, querendo perpetuar a memoria do successo, e galardear a cidade de Lisboa, deu-lhe por padroeiro a S. Vicente, e por brasão d'armas um navio com dois corvos, um na popa, outro na prôa, para lembrança dos dois que acompanharam no mesmo navio as santas reliquias. (*)

(*) Desde então se conservaram no claustro da sé

E prophético brasão foi este que no correr dos seculos tão perfeitamente veio a quadrar a cidade, de cujo porto saíram os grandes descobridores dos seculos xv e xvi, a cidade que D. Manuel fez senhora dos mares, e a qual o commercio fez por largos tempos rainha entre todas as cidades do globo.

D. JOÃO DE CASTRO HISTORIADOR.

D. João de Castro é um dos nomes mais populares da nossa historia, e que resplandece com glorioso brilho no reinado de D. João III, epoca ja tanto de corrupção e abatimento.

Luiz de Camões, com aquelle intimo e profundo sentimento patriótico, que o tornou, além de um grande poeta, o poeta nacional, o poeta portuguez por excellencia, cantou-o nos « Lusíadas » apar d'esses primeiros heroes, que fundaram o nosso imperio na India, e seguramente pela idea de que, se não a descobrira nem a conquistara, a defendera esforçadamente, salvando-a quando ameaçada pela quasi geral colligação dos mais poderosos regulos da Asia.

Nem deixarão meus versos esquecidos
Aquelles que nos Reinos lá da Aurora
Se fizerão por Armas tão subidos,
Vossa bandeira sempre vencedora:
Hum Pacheco fortissimo, e os temidos
Almeidas, por quem sempre o Tejo chora:
Albuquerque terrivel, *Castro forte*,
E outros em quem poder não teve a morte.
Os Lusíadas, Canto 1.º Est. xiv.

E no Canto x, elle descreve, em vigorosos e scintillantes versos, os altos feitos do illustre governador:

Succeder-lhe-ha ali Castro, que o estandarte
Portuguez terá sempre levantado:
Conforme successor ao succedido,
Que um ergue Dio, outro o defende erguido.

Eis vem depois o pae, que as ondas corta
Co'o restante da gente Lusitana;
E com força, e saber, que mais importa,
Batalha dá felice e soberana.
Huns, paredes subindo, escusão porta
Outros a abrem na fera esquadra insana;
Feitos farão tão dignos de memoria,
Que não caibão em verso ou longa historia.

dois corvos, para cujo sustento se estabeleceu uma verba. O corpo de S. Vicente, ou diremos melhor, os seus ossos, que foi o que veio do cabo do seu nome, segundo consta de memorias authenticas contemporaneas, foram consumidos no incendio, que em seguida ao terremoto de 1755 devorou o templo da sé. Todavia ainda se recolheram alguns fragmentos, que se guardam n'um rico e grande cofre.

Quando D. João de Castro chegou á India, o nosso dominio existia completamente abalado, e estava a ponto de realisar-se o que os gentios diziam: « Que os portuguezes haviam ganho a India como cavalleiros, e que a perdiam como mercadores.»

D. João de Castro n'uma carta a el-rei D. João III dizia o seguinte: «Este successo que Nosso Senhor deu á esta guerra, foi a causa das nossas coisas se tornarem a pôr no logar e credito antigo, que se não andou n'isto pequena jornada, como quer se não achava já em toda a India rei que quizesse confiar aos portuguezes valia de uma palha, maiormente depois de ser notorio a todos que vendiam Meale e seus filhos ao Hidalção seu inimigo capital por dinheiro; o qual Meale fora trazido de Cambaya sobre fe verdadeira e juramento dos portuguezes para o fazerem rei das terras do Hidalção...»

Além d'isto, se Dio se tivesse perdido, não só veriamos desvanecido o nosso prestigio, mas a propria segurança dos nossos estados ficava totalmente compromettida. Affonso de Albuquerque, com aquella penetração militar e administrativa, que o torna um dos primeiros vultos da historia moderna, havia uma vez declarado que a conservação da India dependia de se terem fortalecidos quatro pontos: Adem para senhorear o estreito de Meca; Ormuz, para senhorear o estreito de Baçorá; Dio e Goa para se dominarem as outras partes da India, e que com isto se podiam escusar outros muitos gastos desnecessarios que tinham.

A historia d'esta grande crise do nosso imperio na India quasi todos a terão lido na *Vida de D. João de Castro*, por Jacinto Freire de Andrade: mas ou nós nos enganamos, ou os successos narrados pela penna energica e viril de D. João de Castro, hão de ser melhor apreciados e comprehendidos.

Temos lido escriptos dos homens de negocios, e homens de guerra do reinado de D. João III, do conde de Castanheira, de Lourenço Pires de Tavora, de Pedro de Alcaçova Carneiro; mas D. João de Castro leva a palma a todos os seus contemporaneos, pela elegancia, concisão e nobreza do estylo. A sua linguagem é tão franca como a sua alma, e se porventura as obras que nos deixou fossem mais numerosas, e sobre assumptos menos aridos, seria um dos mais admiraveis prosadores do seculo XVI.

A relação que em seguida apresentamos é extrahida de um manuscripto que tem por titulo «Carta de D. João de Castro sendo governador da India para el-rei D. João III, dando-lhe conta das coisas d'aquelle estado e particularmente do cerco de Dio, que sustentou D. João de Mascarenhas, anno de 1546.» Quem examinar attentamente este notavel e precioso documento hade reconhecer que o seu biographo Jacinto Freire de Andrade teve conhecimento d'elle, por que até emprega, na *Vida de D. João de Castro*, phrases quasi identicas. A carta trata largamente

de todos os negocios da India, mas limitamos apenas a publicar o que pertence ao cerco de Dio, e á batalha ganha por D. João de Castro contra o exercito do rei de Cambaya.

LOPES DE MENDONÇA.

Relação do cerco de Dio, e da batalha ganha por D. João de Castro contra o exercito do rei de Cambaya extrahida de uma carta inedita de D. João de Castro a el-rei D. João III, escripta em Dio aos 16 de Dezembro de 1546.

«A treze de Abril me derão de noute huma carta de D. João Mascarenhas em que me fazia saber que ficava cercado de Guzarates de quem hera capitão Coge Çofar: pelo que com a maior brevidade que pude fiz prestes nove fustas e catures em espaço de tres dias, e n'ellas mandei obra de duzentos homens mui escolhidos todos de arcabuzes, e vinte e cinco pipas de polvora de bombarda e duas de espingarda, e vinte quintaes de chumbo com muitas enxadas, alferces, picões, e vinte mil pardãos para pagamento da gente e dez bombardeiros. De Baçaim mandei lá passar cincoenta homens e muitos mantimentos, e de Chaul, outros cincoenta, e antes d'isto sem ter nova alguma tinha já mandado a invernar a Dio Gregorio de Vasconcellos com huma companhia de cem lascarins, e assim uma caravela com quinze pipas de polvora de bombarda e huma de espingarda, e dez quintaes de cobre de pasta para se fazerem carregadores, e cincoenta vergas e dez candiz de cairo, com outras muitas coisas necessarias á fortaleza.

«Os fidalgos que mandei por capitães d'estas nove fustas e catures forão D. Fernando meu filho; D. João Abrantes filho de D. Antão; D. Francisco de Almeida filho de D. Lopo de Almeida; Jorge da Silva filho de Henrique Corrêa; e Garcia Rodrigues de Tavora, filho de Christovão de Tavora forão antes em huma fusta; Diogo de Reinoso filho de Fernão de Ayres Sottomayor e Antonio da Cunha irmãos de Vasco da Cunha; Diogo da Silva, filho de Fernão Peres de Andrade; Pedro Lopes de Souza, filho de Antonio Lopes da Costa, e Antonio Moniz, filho de Henrique Moniz, os quais todos se me vieram offerecer para que os mandasse a Dio a servir a V. A. salvo D. Fernando, que me queiria fugir: pelo que me pareceu melhor mandallo por minha vontade, para com sua hida obrigar mais os homens a trabalhar por chegarem á fortaleza, por caso de ser entrado o inverno, e a travessia da enseada ser muy perigosa n'este tempo. A boa vontade com que todos forão servir V. A. he cauzada pelas muitas mercês que V. A. fez ás pessoas que de outra vez, em tempo de Gaspar de Noronha defenderão a mesma fortaleza de Dio; e assim as que cada dia faz áquelles que o servem além d'estes fidal-

gos porsy, e de lhes vir por herança a benção de seus pais, e avós, folgando de servir muy verdadeiramente a V. A.

Este soccorro entrou em Dio a salvamento, excepto tres catures que arribarão com o tempo a Baçaim; mas outros passando grandes trabalhos no mar por cauza da monção ser já passada chegarão a Dio; a entrada foi mui requestada porque os Guzarates tinham feito á borda do rio hum grande bastião, e posto n'elle muyta artilharia que varejava pelo rio abaixo até á barra; e tendo n'elle grande numero de arcabuzeiros presumião de tolher a desembarcação aos nossos.

Na companhia de D. Fernando mandei a Bastião Coelho por homem habil e experimentado assim na guerra do mar como da terra, e ter visto muitos cercos, e combates, e saber bem todas as maneiras com que hade combater, defender, e reparar huma fortaleza; e acabado de entrar este soccorro ficou o mar innavegavel, e a fortaleza com a gente, mantimentos, e munições que acima digo a V. A. e com D. João Mascarenhas dentro por capitão, que he tal fidalgo e cavalleiro, que primeiro o farão em postas de que lhe tomem huma só ameia. . . .

Continua.

TOPAZIO.

Esta pedra preciosa tira seu nome do grego *topazos*, ilha do mar Vermelho, onde se encontrava. Compõe-se de silica e allumina, unidas a fluorura d'alluminium.

Esta gemma é vitrosa, brilhante, e de ordinario de um lindo amarello doirado: outras vezes é roseada, ou azulada.

Ha uma especie de topazio, onde a tintura é pouco constante, e das mais singulares: quando se expõe n'um pequeno cadiño cheio de cinzas, a fogo graduado, até ao ponto de pôr em brasa o cadiño, perde a côr amarella alaranjada, e toma outra de rosa. Chama-se-lhe então *topazio queimado*.

O topazio era a segunda pedra da primeira jerarchia do *racional* do grã-sacerdote dos judeus: gravava-se n'elle o nome da tribu de Semeão.

Os antigos olhavam esta pedra preciosa como util contra a epilepsia, a melancolia etc.

O calor, a fricção, e a pressão tornam-na electrica.

TURMALINA.

É o nome d'uma pedra preciosa, a qual tambem se dá o nome de *diamante de Ceylão*, *schorl electrico*, *aphrisite*.

Compõe-se de silica, allumina, e oxydo ferriço, com quantidades variaveis de oxydo borico, potassa, e magnesia.

É um dos mineraes mais antigamente conhecidos.

Existem muitas variedades de turmalinas. De ordinario são negras. Às encarnadas chamam-se *rubis*; às azues, *indicolitas*; às verdes, *esmeraldas do Brazil*.

Tornam-se electricas quando se sujeitam a uma fricção, ou as aquecem. Apresentam então um facto notavel: uma das extremidades electriza-se positivamente, ao mesmo passo que a outra se electriza negativamente.

Polarizam a luz: quando se recebe um raio de luz atravez de duas chapas de turmalina, talhadas parallelamente no eixo, e cruzadas no angulo direito, a parte do cruzamento fica obscura.

Os physicos fazem uso d'esta propriedade para estudarem a natureza dupla da refração dos cristaes.

TUMULO DE HIPPOCRATES.

Lê-se na *Esperança*, jornal de Athenas, que se acaba de descobrir, junto a villa de Arnaouiti, não longe de Pharsalia, um tumulo que se reconheceu ser o de Hippocrates, porque a inscripção não deixa duvida alguma a tal respeito.

Achou-se no interior um anel de oiro, representando uma serpente, antigo symbolo da medicina, uma pequena cadêa, uma lamina do mesmo metal, e tambem um busto em bronze, que necessariamente só pode ser o do distincto sabio.

Estes objectos, assim como a pedra sepulchral que contem a inscripção, foram entregues pelos habitantes turcos a Hourni-pachá, actual governador da Thessalia, que immediatamente os enviou para Constantinopola.

MEIO DE PRESERVAR DOS RATOS OS ALAMOS PLANTADOS Á BEIRA DOS RIOS.

Um cultivador de Saint-Pardoux via devastadas todos os annos as plantações de alamos que fazia nas margens do rio, e conheceu que eram os ratos que, durante o inverno, roiam a casca tenra das suas arvores.

Depois de tentar inutilmente a cal, e varios outros meios, imaginou untar o pé dos alamos com ás borras de azeite de peixe.

Não só as arvores foram preservadas, mas tambem cresceram mais rapida e vigorosamente, porque as borras lhes serviram de adubo.

Cinco annos de experiencia dão por seguro o bom exito d'este meio preservativo.

Publicou-se o 1.º volume, nitidamente impresso, da obra *Os varões illustres do Brazil durante os tempos coloniaes*, por J. M. Pereira da Silva.